

## A QUESTÃO DO IMAGINÁRIO: a contribuição de Sartre

Francimar Duarte Arruda\*

Uma visão do desenvolvimento deste trabalho, como um todo, poderia ser sintetizada objetivamente da seguinte forma: a retomada do imaginário social (imaginário instituído) requer um estudo das representações coletivas que compõem esse imaginário. Requer também um aprofundamento que esclareça o sistema de crenças que sustentam essas representações coletivas, pois elas norteiam e normatizam o social. Mas, para que possamos ter uma visão mais consistente e coesa do processo do imaginário é também necessário um mergulho nas suas origens; a experiência originária do ato imaginativo, sua dimensão constitutiva. Nessa dimensão ontológica onde se pergunta por que o homem se coloca imagem; como ele as produz, teremos acesso à vida imaginária, à irrealidade, composta por elementos como desejo, mitos, símbolos, ritos, sonho, liberdade, etc ... que originam a vida real, isto é, a uma realidade que pode ser objetivada. Nesse sentido, estudos sobre o imaginário instituinte também são necessários, pois representam o alicerce sobre o qual os imaginários sociais irão se constituir. Essa preocupação com o imaginário como construtor guiou a "démarche" deste trabalho e gerou a necessidade de uma fundamentação filosófica da questão da produção de imagens. Visando com isso a uma contribui-

\* Doutora em Filosofia da Educação pela Faculdade de Educação da UFRJ, pesquisadora do Laboratório do Imaginário Social e Educação (UFRJ) e professora de Filosofia da Educação da UFF.

ção do olhar filosófico sobre o tema do imaginário, tema este, de crucial importância na arena de debates de questionamentos sobre o homem e a sociedade contemporânea.

Nesse sentido, a busca do estatuto da imaginação torna-se um irredutível, uma condição incondicional que iremos trabalhar com a ajuda da proposta filosófica sartriana. A elucidação do significado da imaginação se faz através do questionamento de como se produz imagem. Sartre, após uma rigorosa crítica à visão clássica<sup>1</sup> da concepção de imagem, entende que essa produção deve ser iniciada numa mudança básica de concepção: a imagem não é uma coisa, não é exterioridade, muito pelo contrário, ela é consciência, é ato intencional da consciência.

*Um trabalho sobre a imagem deve se constituir como uma eidética da imagem, isto é, fixar e descrever a essência dessa estrutura psicológica tal como aparece à intuição reflexiva (Sartre, 1978, p.99).*

A própria concepção de intencionalidade está destinada a renovar a noção de imagem, isto porque sendo ato da consciência ela vai pertencer ao conjunto de elementos reais da síntese consciência, que ele chama *noese*, e o seu correlativo que é o sentido que habita essa consciência que é o *noema*. Mas esse sentido noemático que pertence a cada consciência real, não é em si mesma nada de real. O que existe é a possibilidade de se dirigir o olhar

O trabalho não se propõe a desenvolver essas críticas, pois tem como intenção elaborar a própria teoria sartriana, para num momento posterior situá-la numa dimensão educacional.

para um objeto, mas o que encontra o olhar nessa última direção, é na verdade um objeto no sentido lógico, mas um objeto que não poderia existir por si. Assim o noema é um nada que só tem uma existência ideal para a consciência, é um irreal. Para Sartre, então, tudo se explica pela intencionalidade, isto é, pelo ato noético. Portanto, não há diferença de natureza qualitativa entre o objeto da percepção e o objeto da imaginação como tal, mas sim ambos são noemas de uma consciência noética plena. A imagem então é um certo tipo de consciência. A imagem é consciência de alguma coisa. Resta fazer a descrição fenomenológica da estrutura dessa imagem, isto é, como ela se dá. Ou seja, o método fenomenológico visa, através dessa descrição do imaginário, a compreender o imaginário nele mesmo. O intuito de Sartre é determinar o que é a imagem como imagem, a imagem nela mesma. Temos que distinguir o que é o objeto que aparece, no exemplo do texto de Sartre — Pedro que eu imagino — daquilo que seria a imagem nela mesma; que não se confunde com o Pedro que eu estou imaginando. Qual o seu conteúdo, qual a sua essência: que será alcançada pela descrição da imagem.

A primeira característica do objeto imagem é que ele se apresenta na sua essência como ausência, isto é, a consciência imaginária me remete a um objeto ausente que foi anteriormente percebido. Imaginar Pedro é dizer que Pedro é o objeto dessa consciência que ao imaginar se coloca diante da ausência de Pedro. Portanto, este objeto-imagem não é uma ficção nem uma ilusão, é um objeto de conteúdo material, possui um conteúdo. A imagem é uma realidade que não se confunde com a realidade em "carne e osso" do objeto da percepção. Mas nem por isso deixa de ser uma realidade, só que de outra natureza. Então, a consciência imaginante que se dirige para um objeto ausente no campo da percepção é

ligado a esse pressuposto preliminar de que se deu antes como objeto perceptivo. A segunda característica mostra que esse objeto-imagem é um fenômeno de quase observação, isto é, a consciência tem uma relação com o objeto-imagem de maneira imediata, direta, sem intermediários, sem sínteses de aparições. Esse objeto-imagem se nos apresenta como evidente, se dá numa totalidade evidentemente colocada como presente para a imaginação. Mostra-se com isso a diferença entre consciência perceptiva e consciência imaginante. E a mesma consciência que produz diversos atos, mas não são iguais. Os objetos produzidos pela percepção são sínteses de aparições e os objetos-imagens não são sínteses, são presenças na sua totalidade imediata, são evidências. A terceira característica se refere ao problema do nada, já anteriormente analisado. A consciência imaginante coloca o objeto como nada. E é justamente porque esse nada tem um significado tão forte que a atuação advinda dele resulta em transformação. O poder do nada é um poder de colocar significados que levam a desencadear a ação. O texto de Sartre (1940, p.349) diz assim:

*A imagem de Pedro, a ausência desse Pedro que eu vi lá na esquina, que eu tenho agora uma imagem, é uma maneira de não me tocar, de não me ver em carne e osso. É uma maneira que ele tem de não estar a essa distância aí, de não estar nessa posição sentado aqui. Essa imagem de Pedro é uma imagem que me leva a essa intuição imediata da ausência de Pedro, ele não está aqui presente. Mas não está aqui presente em carne e osso, ele não está aqui presente face a face, mas está presente na imagem, no sentimento, em tudo aquilo que de uma certa maneira, essa imagem vai estar interligada. Então esse nada, que é inexistência ou ausência, suspensão da*

*crença na existência, significa na verdade que essa ausência tem um poder, e que essa inexistência tem um significado. Então é o trabalho, uma ordem do significado desse nada, que reveste o nada de sentido.*

Por último, a quarta característica que é a espontaneidade. A consciência imaginante é uma espontaneidade que produz e conserva o objeto em imagem. A noção de espontaneidade significa para o existencialismo aquilo que é produção livre. Ser espontâneo é ser livre, quer dizer, é não estar com nenhum condicionamento. Essa dimensão está então diretamente ligada ao problema da liberdade, que como sabemos, não é uma questão de vontade, mas espontaneidade de agir ou não agir. Essa característica da espontaneidade permite entender que a imaginação não se prende à necessidade de espécie alguma, portanto escapa à ordem de qualquer determinismo. A imaginação, portanto, é liberdade, o homem é livre porque imagina. A consciência imaginante é ato livre, criador e não está ligada à vontade porque está vinculada ao desejo.

Essa vinculação vai propiciar a comparação que Sartre faz da vida imaginária com uma vida próxima da consciência mágica, que nós encontramos em todas as épocas. O ato da imaginação é comparável ao ato mágico. Todo ato mágico é um ato destinado a de uma certa maneira produzir um encantamento; ele é como que um encanto destinado a fazer aparecer um objeto do desejo. O que o ato mágico propõe, deseja, na realidade, é produzir o encantamento, expressando através desse encantamento a expressão de um desejo.

Então se o ato de imaginação é comparável a um ato mágico, ambos se assemelham em virtude de produzir o encanto destinado

a fazer aparecerem objetos que sejam desejáveis. Por isso é possível se estabelecer quase que de uma maneira imediata a questão da imaginação e do desejo. Esse encanto que é destinado a produzir um objeto como sendo desejado, visa como todo desejo à posse do objeto. O que se deseja com esse ato imaginário é colocar esse objeto visando a apossar-se dele. Visando, em outras palavras, a que essa posse me possua, permitindo a saciação do desejo<sup>2</sup>. Essa estrutura do desejo presente na vida imaginária a caracteriza como extremamente ativa e com um poder de mobilização muito forte. Não se trata de um poder de se fazer representar. A imagem não é só representação (pode ser também); mas ela é um poder maior, porque mágico, e que se expressa pelo simbólico. E no tratamento desse poder simbólico, ou seja, a forma de expressão que a imagem tem de mobilizar, que vai interessar, numa dimensão mais ampla, o aprofundamento da questão do imaginário. Essa é a tese básica de Sartre. Ele não elimina que exista essa intenção de representação, mas não a desenvolve; o que vai realmente lhe interessar é a dinâmica da vida imaginária, no seu poder de atuação. E para a visão sartriana, ela é a condição essencial para que o homem seja um homem. O homem sem imaginação criadora perde sua humanidade, perde sua essência, sua possibilidade de ser.

Diz ele:

*se eu desejo ver um amigo que não está aqui no momento presente, eu o faço vir, comparecer, irrealmente. E neste*

Trata-se do deslocamento do para-si (consciência) em direção ao em-si (o outro). Esse deslocamento se verifica sobretudo em função do desejo do para-si (porque é nada), de se tornar pleno do em-si.

*caso, nada é dado ao desejo do real. Quer dizer, eu desejo realmente que o meu amigo esteja aqui presente, mas ele não está. Então eu realizo esse desejo como um nada, que é presença imaginária, porque o faço vir em imagem, eu o faço comparecer, eu o irrealizo na presença da imagem, como efetivamente dado a esse meu objeto. Eu desejo que Pedro esteja aqui, ele não está, e eu o faço vir, esse objeto, em imaginação, para realizar o desejo. Se não houvesse uma motivação desejante, não tinha necessidade de fazer vir à imaginação esse objeto. Em última análise, projeta-se o objeto irreal. Essa qualidade essencial da consciência imaginante, que é dar-se um objeto que na sua essência pode até ser inexistente. O que eu digo; que é isto que consiste a estrutura essencial imaginante; é constituir-se, dando um objeto ausente ou inexistente, como uma realidade presente, mas que não é essa realidade de carne e osso, não é uma realidade da percepção, não é uma realidade da sensação. Mas ela é uma realidade para a vida imaginária, que através dessa sua imaginação, realiza o seu desejo (Sartre, 1940, p.242).*

Essa irrealidade do objeto imaginário não é apenas material ou corporal, mas também é uma irrealidade no sentido de estar desprovida de todas as determinações de espaço e tempo, em outras palavras, o imaginário se constitui numa unidade espaço-temporal que é fora do tempo e do espaço real. A vida da imaginação, então, como que eclode nessas características da realidade e vai se constituir na vida humana, com seu poder próprio. A atitude imaginante tem duas camadas: uma, que Sartre chama primária, onde os elementos reais, na consciência imaginária, correspondem ao objeto irreal; e uma segunda, que ele

chama de secundária ou de reação à imagem e que dá em seguida à formação da imagem. Que tipo de reação pode-se ter diante de uma imagem que vem espontaneamente, como ato livre? Têm-se, em última instância, diante desse objeto irreal, sentimentos. Amor, ódio, admiração, repulsa, são sentimentos que expressam a vida concreta, mas que se dão face a um objeto irreal, produzidos pela imaginação. A reação, portanto, diante do objeto irreal, afeta a vida afetiva concreta do homem. Não se poderia falar da vida da consciência imaginante desvinculada do desejo, nem conseqüentemente, das reações afetivas provocadas pelo objeto irreal produzido por esse desejo. Então, esses sentimentos, diz Sartre, na medida em que eles são vividos por nós, nós sabemos que eles existem, tão somente porque nós os vivemos.

Existe um certo saber de tais sentimentos que foram desencadeados como uma forma de reação a essas imagens. Reações químicas, bioquímicas, viscerais, corporais, etc... vividas por nós, e essa situação vai autorizar, afirmar que é através desse objeto irreal que chegamos, a bem da verdade, às condições da existência concreta, aqui e agora. Há, portanto, uma vida da imaginação que tem um impacto decisivo sobre a totalidade da existência do homem, logo a vida imaginária não está "descosida" dessa existência total, mas, muito pelo contrário, é ela que propicia a possibilidade mesma desse existir.

As repercussões reais vividas e observadas no homem marcariam a vinculação da vida imaginária ao sentimento e à ação. É a interferência que ocorre na existência concreta, no comportamento individual e social, que nos permite ligar interinamente vida imaginante, vida afetiva e vida ativa; ou seja: "o objeto irreal existe como irreal, e o sentimento e a ação se comportam

face a ele como face ao real". A vida da consciência possui uma tríplice dimensão, é uma vida intencionalidade interligada ao pólo intelectual, afetivo e prático; e o comportamento concreto, existencial, é que marca essa interligação desencadeada pela ação. O importante é salientar que os sentimentos que nós temos diante do objeto irreal, são reais, por isso, eles provocam ações. A repulsa, alegria, náusea, são sempre reais. Não são, portanto, esses sentimentos em si mesmo irreais como o objeto irreal, eles são reais (vividos), na ordem concreta de nossa vida, na existência. O que ocorre é que eles vão aparecer na realidade como uma decorrência possível de um objeto, esse, sim, irreal. Mas o comportamento e os sentimentos da ação não são decorrentes apenas do objeto irreal, podem ser decorrentes do objeto da percepção, da inteligência, da alucinação, etc... Daí a possibilidade de interligação entre as diversas dimensões da consciência.

A vida imaginária é extremamente importante, relevante, mas, para Sartre, ela não é mais rica do que a vida concreta, da percepção, por exemplo. Ou seja, não se pode de maneira alguma querer colocar o objeto do imaginário no lugar do objeto existente concreto. Sartre retoma o caráter de fascinação, de encantamento mágico do imaginário para mostrar que este significado tem um aprofundamento maior. Por exemplo:

*a leitura é um gênero de fascinação. Quando eu leio um romance policial, eu creio nisso que leio. Mas isso não significa que eu cesse de considerá-lo as aventuras de um romance policial como imaginário. E eu me deixo fascinar por ele. E esse gênero de fascinação, sem posição de existência, que eu chamo de crença (Sartre, 1940, p.277).*

Essa fascinação é envolvente e faz com que se viva a crença desse objeto irreal, na realidade da vida, aprisionado à leitura, estimulando uma série de comportamento em relação àquela leitura. É esse gênero de fascinação que mobiliza toda a vida do homem naquele momento, mostrando a importância do objeto imaginário. Ele prende a vida na sua totalidade existencial, instantânea. Quer dizer, ele como que corta a existência, e vive-se a crença de uma existência desse objeto irreal. Porque não é a existência real, mas uma crença, nos encontramos presos, vinculados ao objeto irreal. Sentimos-nos totalmente mobilizados por ele.

Sartre tira uma lição que é extremamente importante: o fascínio, o poder de sedução, de magia que o imaginário exerce sobre nós é, a bem verdade, o meio pelo qual nós podemos estabelecer projetos existenciais futuros. Isto é, só há projetos futuros se conseguirmos nos colocar um objeto irreal que seja capaz de nos fazer dirigir, agir, em direção a... . Um futuro sem conteúdo de um objeto irreal, sem essa vivência do futuro como imaginário não mobiliza o homem em direção à construção real dessa realidade. Em poucas palavras: a imagem é extremamente forte. Forte porque ela se nos coloca como não-ser e também a possibilidade de vir-a-ser. Esse mundo do imaginário do futuro não é da pura necessidade que se possa prever, nem é o da pura liberdade que se possa controlar por um ato voluntário; segundo Sartre, ele é um mundo fatal, porque não é determinado nem previsível por nós. Ele se apresenta como alguma coisa da qual nós estamos possuídos, na direção da qual nós não podemos nos libertar, e é por isso que ele é fatal<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> Fatalismo no sentido grego, como no exemplo das tragédias gregas. Édipo mesmo ao tentar fugir do seu destino fatal, recaiu nele.

Mas, não é no mundo do imaginário que se dá a liberdade. Ela se dá na dinâmica da ação e pressupõe o deslocamento do objeto irreal para o plano da ação possível. A imaginação é o poder, é o meio pelo qual a ação se efetuará. O futuro da ação é o reino da liberdade para Sartre, quer dizer, é no reino do poder-*vir-a-ser* que a liberdade se coloca como ação possível, e não no reino do imaginário que é *não-ser*; este *não-ser* é que o torna condição de possibilidade de *vir-a-ser*. Existe, então, toda uma questão dinâmica embutida na dimensão do imaginário que o pensamento contemporâneo deve recuperar, para que possamos entender e articular melhor o período de crise pela qual nós estamos passando e, sobretudo, termos condições de nos instrumentalizar em face ao problema específico da educação.

Quando nos deparamos com a dimensão do futuro, não mais como visão fatal, mas no plano do *vir-a-ser*, do *poder-ser*, nos deparamos também com o problema da liberdade de ação. Ou seja, essa relação dinâmica que o imaginário exerce, de maneira mágica, que leva a ter um sentimento; sentimento esse que desencadeia uma ação. Essa ação é que vai interessar a uma investigação sobre a vinculação entre imaginário e educação. Ação que pode ser de diversos modos, em diversas direções, mas estas modalidades de ação (reativa, veloz, combativa, liberal, etc.) terão que ser revistas a partir do imaginário, como possibilidade de as desencadear. E que efetivamente só se pode falar em ação pressupondo que essas ações foram elaboradas a partir de imaginários, para que possamos rearticular, verdadeiramente, com conhecimento de causa.

*Somos nós que imaginamos que um mundo melhor possa ocorrer, ou que um mundo pior possa vir a acontecer.*

*Somos nós que imaginamos que o reino da liberdade, da igualdade e da fraternidade virá pela nossa ação. Nós é que imaginamos que isso possa pela nossa ação acontecer, vir-a-ser* (Sartre, 1940, p.347).

Qual seria, então, a vinculação entre imaginário, melhor dizendo, entre vida imaginária e o papel da educação? Se o imaginário é o futuro da ação e se o ato de educar é uma ação de transformação, essas duas premissas poderão ser vinculadas de muitas formas; resta-nos construí-las.

### Referências bibliográficas

- BENOIST, J.M. *La tyrannie du logos*. Paris: Minuit, 1975.
- BURGOS, J. *Pour une poétique de l'imaginaire*. Paris: Seuil, 1982.
- DESPOTOPOULOS, C. *Études sur la liberté*. Paris: Marcel Rivière, 1974.
- FOURASTIÉ, J. *A grande esperança do século XX*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- JUNG, C. *Present et avenir*. Paris: Buchet: Chastel, 1977.
- LE DOEUFF, M. *L'imaginaire philosophia*. Paris: Payot, 1980.
- MORIN, E. *Le paradigme perdu: la nature humaine*. Paris: Seuil, 1975.

SARTRE, J.P. *L'imaginaire*. Paris: Gallimard, 1940.

SARTRE, J.P. *A imaginação*. São Paulo: Abril, 1978.

SARTRE, J.P. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1953.